

CONSTRUIR REDES: DESAFIOS NO COTIDIANO DOS SERVIÇOS DE APOIO ESPECIALIZADO NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE

Claudio Roberto Baptista – UFRGS
Mauren Lúcia Tezzari – UFRGS
XIII ENDIPE / 2006

Somos todos personagens como Don Quixote y estamos dispuestos a creer que vale la pena seguir adelante y arremeter contra los molinos de viento de la índole de la belleza, y la índole de lo sagrado, y todo lo demás. Somos arrogantes en cuanto a lo que podremos saber mañana, pero humildes porque *hoy* sabemos muy poco. (BATESON, 1999, p. 344)

A tarefa de (re)inventar o cotidiano a partir de estruturas já conhecidas tem sido um dos grandes desafios da escola que se anuncia como “escola para todos”. Tais estruturas ganham visibilidade no plano da ação curricular, quando são delineadas as ações que integram a vida escolar: relações, expectativas, planejamento, proposições didáticas, avaliação, possíveis apoios... O plano do cotidiano será o “palco” no qual encontraremos tanto a viabilidade de novas propostas quanto os abismos que separam aquilo que conhecemos e que poderíamos conhecer.

Nesse sentido, as aproximações entre a dimensão teórica e aquela da prática educativa podem ser favorecidas em um contexto que valoriza a investigação e admite um movimento circular de reflexão sobre o que se faz. Acreditamos que esse movimento possa contribuir com a criação de espaços variados que se integram às ações de acompanhamento, supervisão, debate e assessoria. Esse processo deve contemplar, necessariamente, ajustes contínuos, os quais nem sempre são identificados pelos sujeitos envolvidos. Instituição em movimento, sujeitos em movimento... Nessa perspectiva, deverão ser pensadas as tarefas da instituição e a abrangência de sua ação. Desse modo, em sintonia com as reflexões de Maturana (1999), pensamos a instituição e o sujeito como sistemas vivos que jamais serão conhecidos “plenamente”, mas o conhecimento de ambos move-se do “encontro/relação” entre aquilo que identificamos como constituintes de cada um desses sistemas.

Pretendemos, com o presente texto, apresentar uma análise que situe os serviços especializados de educação especial, particularmente a *sala de recursos*¹, no atual momento da política educacional brasileira, relacionando as características desse espaço pedagógico com as diretrizes de uma rede de ensino – Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

Consideramos que a importância que pode assumir o debate proposto está relacionada com a nossa necessidade de: admitir que o conhecimento da educação especial vive um momento de particular transformação; analisar as proposições de delineamento para os serviços de maneira a ser valorizado o conhecimento acumulado sobre os mesmos, porém sem medo de transformá-los para melhor atender às demandas do cotidiano que caracteriza o atual momento da escola no Brasil.

A Educação Especial contemporânea

No plano internacional, o debate acadêmico e técnico sobre a educação especial tem sido caracterizado pela valorização de processos inclusivos e pela defesa de uma aproximação dos alunos do contexto do ensino comum.

No Brasil, essa perspectiva tem caracterizado as propostas e políticas da área, desde meados dos anos 90. A LDB de 1996 e as disposições posteriores, como a Resolução 02/2001 do CNE/CEB, confirmam a tendência de valorização do espaço do ensino comum como o locus privilegiado de atendimento dos alunos da educação especial, ressalvadas as circunstâncias nas quais, de acordo com as concepções expressas nesses documentos legais, as limitações do aluno inviabilizassem a inclusão. Essa ressalva tem sido um dos pontos mais polêmicos nos debates sobre as políticas educacionais que contemplam a educação especial, pois há interpretações no sentido de que a mesma seria uma forte justificativa de uma relação unidirecional de mudanças/adaptações: caberia ao aluno adaptar-se ao contexto da escola, apresentando, para isso, um perfil semelhante àquele do aluno que não é identificado como aluno com necessidades educativas especiais. De fato, quando consideramos a instituição escolar como um contexto mutável, temos dificuldade de afirmar, previamente, quais seriam os limites da adaptação recíproca que justificaria a presença desses alunos na escola de ensino comum. Como identificar quem é o aluno que pode ser envolvido em propostas de inclusão? Em que medida esse processo de

identificação depende de uma análise contextual que não pressupõe apenas uma leitura do presente da instituição, mas tensiona a mesma no sentido de apresentar propostas e ações indicadoras de mudança? Como valorizar o conhecimento pedagógico nesse processo de identificação/avaliação, problematizando a tradição de um domínio absoluto do conhecimento médico-psicológico como norteador dos processos decisórios sobre diagnóstico dos alunos em condição de desvantagem associada ou não à deficiência ou às necessidades educativas especiais?

Ciclos, cotidiano e rede de apoios

Muitos estudos têm destacado as sintonias entre uma proposta de reorganização curricular *ciclada* implementada no município de Porto Alegre e a educação inclusiva (SANTOS JR, 2002; BAPTISTA, 2004). Tal afirmação ganha evidência quando destacamos as transformações associadas à *organização do tempo* para a aprendizagem, com a busca de evitar repetência e a inserção de períodos trienais para a compreensão do avanço do aluno. Além da questão temporal, merece ênfase a *pluridocência* como dispositivo de abertura do universo dual aluno/docente, ampliando as responsabilidades e introduzindo a possibilidade da interlocução e do diálogo. Um terceiro aspecto, relativo às singularidades da associação entre a educação inclusiva e a escola ciclada presente em Porto Alegre, no período posterior a 1996, refere-se ao oferecimento de *apoios complementares* àqueles presentes em sala de aula. Azevedo (2000) apresenta as diretrizes da proposta de ciclos em Porto Alegre, procurando destacar a complexidade dessa estrutura:

(...) o ensino é organizado em três ciclos de três anos cada, dos seis aos quatorze anos. Os três ciclos correspondem à infância, à pré-adolescência e à adolescência. Os educadores planejam e executam o trabalho coletivamente. Novos espaços foram criados para garantir a aprendizagem para todos: as turmas de progressão para educandos que apresentam defasagem idade/aprendizagem. (...) Os educandos que apresentam dificuldades são encaminhados ao Laboratório de Aprendizagem. Caso seja diagnosticada a necessidade de atendimento especial, individualizado, o educando é encaminhado à Sala de Integração e

Recursos, onde o atendimento é feito por educadores especiais e, se necessário, por outros atendimentos especializados. (p. 125)

Desse modo, são três os espaços de apoio imediato²: as turmas de progressão, os laboratórios de aprendizagem e as salas de integração e recursos. Tais serviços guardam entre si uma relação de complementaridade, sendo que o primeiro – turma de progressão – envolve o atendimento exclusivo oferecido ao aluno em defasagem escolaridade/idade cronológica. Os outros dois serviços oferecem atendimento complementar ao aluno do ensino comum, em turno diferente daquele de frequência às aulas. As classes especiais existiam na Rede Municipal de Porto Alegre até os anos 90 do século passado, porém foram fechadas em um processo que durou vários anos, tendo sido concluído em 1999.

Uma diferença significativa entre o Laboratório de Aprendizagem (LA) e a SIR é que esta última é de responsabilidade do educador especial e o LA pode ser proposto à escola por professores de diferentes áreas de conhecimento. Nesse sentido, há uma premissa que indica a relação entre ambos, no sentido de que o aluno com dificuldades mais acentuadas seja encaminhado à SIR e que aquele com dificuldades específicas em determinadas áreas de conhecimento seja encaminhado ao LA. Em algumas escolas, essa premissa de “gravidade” associada à SIR é indicada na decisão do conjunto dos docentes de uma regra de acesso: para ser encaminhado à SIR o aluno deverá ter frequentado previamente o LA e, mesmo após esse atendimento, persistir a avaliação de necessidade do atendimento especializado.

Sala de Integração e Recursos

Em sintonia com os objetivos do presente texto, destacamos a SIR (Sala de Integração e Recursos) que existe na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre desde 1995. Trata-se de um serviço oferecido aos alunos com necessidades educativas especiais das escolas regulares de ensino comum. De acordo com a Resolução 02/2001 do CNE, as salas de recursos constituem um serviço de apoio pedagógico especializado, no qual “o professor especializado em educação especial realiza a complementação ou suplementação curricular, utilizando procedimentos, equipamentos e materiais específicos”. Essa descrição

expressa uma tendência de valorização do espaço específico, dos recursos materiais e das alternativas didáticas em termos de procedimentos. O perfil da SIR, em Porto Alegre, embora contemple essas características, parece não se restringir às mesmas, pois há uma busca de dinamicidade e de participação compartilhada com os professores do ensino comum que emergem como traço distintivo. A análise desse traço emerge como um objetivo adicional da presente análise.

O projeto inicial foi construído a partir de duas demandas básicas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: os elevados índices de multi-repetência nas séries iniciais do ensino fundamental³; a demanda de suporte aos alunos com necessidades educativas especiais que eram transferidos do ensino especial para o ensino comum ou matriculados diretamente nessas escolas; além da demanda, em função desse movimento, de suporte aos professores do ensino comum que indicam continuamente seu despreparo para lidar com as dificuldades criadas pelo processo de inclusão desses alunos.

A implantação das Salas de Integração e Recursos (SIR) teve início em 1995, como projeto piloto, em quatro escolas municipais, procurando abranger quatro grandes regiões da cidade. Vale destacar que as escolas dessa rede municipal de ensino situam-se na periferia de Porto Alegre. Em 1996 manteve-se o mesmo número de SIRs e posteriormente, a partir de 1997, houve significativa ampliação das Salas. Hoje a rede municipal conta com 14 SIRs e mais 3 SIRs específicas para o atendimento ao aluno com deficiência visual. O contingente de alunos atendidos é de aproximadamente 600. A lógica de distribuição dos serviços responde a critérios de zoneamento e complementa-se com o investimento de algumas escolas no sentido de atuarem como pólos, concentrando o atendimento desse serviço oferecido aos alunos de uma rede de escolas da vizinhança.

Cada escola tem um número de vagas, sendo este proporcional ao número de matrículas da mesma.

O trabalho desenvolvido na SIR envolve:

- *avaliação e atendimento ao aluno* – no processo de avaliação é valorizada a dimensão pedagógica, inclusive para a decisão relativa à manutenção do aluno no ensino comum ou para o encaminhamento do mesmo à escola especial; o atendimento é oferecido em atividades propostas individualmente, ou em pequenos grupos, as quais visam

oportunizar ao aluno diferentes situações de aprendizagem, assim como conhecer e modificar os processos que podem estar em ato na intensificação das suas dificuldades.

- *assessoria e planejamento* - realizados com os professores e serviços de orientação e supervisão pedagógica da escola do aluno. Para essas atividades, são previstos momentos específicos de encontro entre esses profissionais, o que, como momento coletivo, está previsto no projeto pedagógico para a rede em geral.
- *orientações dirigidas aos pais ou responsáveis* – situações de interlocução com os adultos responsáveis pela criança ou adolescente e que se configuram como espaço de abertura escola/família.

Dessa forma, além do atendimento específico ao aluno, o trabalho desenvolvido na SIR consiste também em uma assessoria descentralizada, que tem como objetivos mais amplos a investigação e construção de estratégias educativas em parceria com o professor de sala de aula e os serviços de orientação e supervisão da escola, favorecendo o fortalecimento da interlocução entre ensino comum e especial.

O aluno vai para o atendimento no turno oposto ao de sua aula. A frequência na SIR no turno oposto foi privilegiada para que o aluno não seja privado continuamente do trabalho desenvolvido em sala de aula e das importantes trocas com seus pares. Este horário constitui um tempo a mais para oportunizar toda a ação de intervenção proposta pela SIR.

São atendidos na SIR:

- alunos com necessidades educativas especiais contínuas ou transitórias, que frequentam o ensino comum, de qualquer ano-ciclo bem como das turmas de progressão e que necessitam do atendimento complementar ou suplementar;
- crianças da educação infantil encaminhadas para avaliação quanto à modalidade de ensino (comum ou especial) considerada mais indicada para as mesmas no ano seguinte;
- alunos de escolas especiais com possibilidades de ingressarem na escola regular. Neste caso a SIR servirá como “ponte” para essa passagem (busca de escola conforme o zoneamento, tratativas com a equipe diretiva, contatos com a família, suporte ao aluno e ao professor de sala de aula).

Sobre a dinâmica de trabalho

Na Sala de integração e Recursos trabalham dois professores com formação em educação especial. Esses dois profissionais atuam simultaneamente na sala, sendo que cada um tem um grupo fixo de alunos.

A partir do encaminhamento é feita uma avaliação pedagógica do aluno, individualmente. Finalizada a avaliação, é feita a devolução para a escola e para a família. Concluindo-se pela necessidade do atendimento na SIR, parte-se para o planejamento didático e intervenção pedagógica a serem desenvolvidos pelos profissionais da SIR, bem como pelo professor da sala de aula. O planejamento envolve aspectos como: as aprendizagens escolares e sociais, os aspectos afetivos, as atividades a serem propostas, a metodologia de trabalho, o material didático necessário. Também é definido se o atendimento será individual ou em grupo.

Os encontros têm a frequência de duas vezes por semana, com duração de aproximadamente uma hora cada um. Os grupos são formados a partir de aspectos considerados importantes pelo professor de educação especial que atende os alunos. Por exemplo: idade, escola de origem e necessidades indicadas para o encaminhamento. Há um processo contínuo de avaliação quanto à dinâmica de trabalho dos grupos e aos vínculos existentes entre os alunos e a professora.

Consideramos importante destacar que a proposta de trabalho da SIR é: desenvolver as potencialidades do aluno partindo dos conhecimentos e habilidades que ele já tem construídos. Busca-se proporcionar a tais alunos vivências de construção de conhecimento, em permanente interação com os colegas. Não se trata de um “reforço pedagógico”, como comumente é interpretado pelas famílias e, também, por professores. Busca-se a singularidade que pode caracterizar percursos escolares qualitativamente elevados. Busca-se desenvolver, ao máximo, as potencialidades dos alunos, tendo sempre o próprio sujeito como o parâmetro para seu avanço em termos de aprendizagem.

Para Sanches (1996), os apoios e complementos educativos tendem não só a superar dificuldades, mas também a descobrir talentos e a desenvolver potencialidades. Esse alargamento do conceito pode ajudar a mudar a visão restritiva de apoio pedagógico, retirando a tônica do ensino e remetendo nossa atenção para as atividades de aprendizagem.

Essa idéia vale ser destacada, pois é comum a expectativa de que o aluno, ao ser encaminhado para a SIR, vá avançar de forma a igualar-se aos colegas de classe.

Outro aspecto a ser ressaltado refere-se ao trabalho de assessoria desenvolvida pelos professores da Sala de Integração e Recursos junto aos professores dos alunos atendidos, buscando suprir a demanda (ou parte dela) de apoio especializado para o trabalho em sala de aula com as crianças e adolescentes com necessidades educativas especiais. Para isso, os professores da SIR têm em sua carga horária, tempo específico para ir até as escolas dos alunos e reunirem-se com seus professores. Nesses momentos busca-se valorizar o que vem sendo feito e colaborar para o surgimento de novas propostas. Além disso, procura-se ampliar essa reflexão e construir ações pedagógicas inovadoras para todo o grupo de alunos. Também para o professor da SIR esse momento é de grande importância, pois as trocas com o professor de sala de aula fornecerão indicações significativas para o trabalho que está sendo desenvolvido com o aluno na sala de recursos. Os contatos sistemáticos entre esses profissionais, além de oportunizarem a troca de informações sobre o aluno e sobre suas intervenções específicas, constituem-se em espaços de “atualização” por meio do qual o professor do ensino comum pode conhecer melhor o aluno e ter acesso ao conhecimento especializado em termos de intervenção pedagógica. O espaço de assessoria é, assim, um espaço de “formação”, o qual se institui e se sustenta a partir dos desafios de cotidiano.

Cabe destacar ainda que todos os professores da Sala de integração e Recursos reúnem-se mensalmente. Nesse fórum são tratados assuntos de ordem organizacional, do cotidiano das salas, bem como aspectos conceituais. Tais espaços são utilizados também para formações específicas para o grupo. Esse espaço de discussão e reflexão coletiva possibilita que o serviço modifique-se, a partir da demanda de trabalho da rede e da trajetória do próprio grupo de professores. Além desse espaço, há ainda uma reunião coletiva mensal, organizada por núcleos regionais⁴. Trata-se de uma assessoria regional aos professores da SIR, com a coordenação de um educador especial ou de um psicólogo da Secretaria de Educação. Neste espaço discute-se entre outras coisas: a situação de cada aluno, dificuldades encontradas no trabalho, avanços, demandas de encaminhamentos para outras áreas como fonoaudiologia, psicologia, neurologia, etc.

Ao longo de sua existência, a Sala de Integração e Recursos⁵ vem se modificando, e essa mudança expressa-se tanto conceitualmente quanto na sua atuação. Um dos aspectos caracterizadores da SIR é aquele que associa a assessoria aos docentes ao atendimento direto oferecido ao aluno. Busca-se, desse modo, fazer com que esse trabalho tenha reduzida sua dimensão de cuidado clínico para valorizar as dimensões pedagógicas e contextualizadoras, as quais evocamos no título do presente texto ao referirmos a *construção de redes*.

A existência da proposta de assessoria aos professores de sala de aula foi consolidada progressivamente, devendo a mesma ser reafirmada em um contexto que valoriza, apesar das intensas discussões na rede, o atendimento direto ao aluno. Ao longo do tempo, houve trabalhos de formação e debates relativos ao projeto pedagógico da rede, no sentido de que educadores e gestores percebessem que o trabalho de atendimento não deveria acontecer de forma isolada. Um dos efeitos dessa parceria é, mais que a difusão de conhecimentos específicos associados aos alunos, colocar em destaque as relações, na escola, e as dinâmicas que podem favorecer a aprendizagem efetiva de todos os alunos.

As transformações ocorridas na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, nos últimos 16 anos, com a implantação de uma proposta de escola por ciclos de formação, refletiram também no trabalho da SIR. A nova lógica de organização das turmas, as turmas de progressão, os laboratórios de aprendizagem, foram fatores que mudaram significativamente o perfil dos alunos encaminhados à Sala de Integração e Recursos. A pluralidade desses espaços tem feito com que o atendimento especializado fique, de maneira mais incisiva, restrito aos alunos com deficiências ou síndromes, sendo que aqueles com dificuldades de aprendizagem são, tendencialmente, atendidos pelos Laboratórios de Aprendizagem.

Considerações finais

A apresentação da Sala de Integração e Recursos foi feita com o intuito de ilustrar e discutir um dos serviços de apoio na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, destacando a construção de um espaço que apresenta singularidades e diferenças em relação a outras propostas semelhantes. Ressaltamos: o funcionamento no espaço da escola

regular; a valorização da formação dos profissionais que ali atuam, incluindo ações complementares que ganham espaço em uma estrutura de acompanhamento sistemático do trabalho por meio de reuniões periódicas; a interação buscada entre os professores da educação especial e os professores do ensino comum; a valorização do processo pedagógico em detrimento do enfoque clínico-terapêutico; a proposta de um atendimento complementar com propostas alternativas às da sala de aula e não repetitivas. Também devem ser destacados os fóruns de discussão, formação e assessorias regionais, os quais contribuem significativamente para a consolidação do trabalho e, ao mesmo tempo, para a reatualização das práticas.

O serviço analisado ao longo do presente texto deve ser compreendido como parte de um projeto político-pedagógico amplo. Esse projeto tem características que se expressam na busca de ampliação do acesso à escola, na garantia de processos qualificados de aprendizagem para todos os alunos, na flexibilidade curricular que tende à progressão automática, na busca de dinâmicas coletivas para o planejamento e avaliação, além da valorização do diálogo entre os diferentes grupos sociais que compõem a vida escolar. Nesse sentido, a dimensão de pólo de formação dos demais docentes, desenvolvida pela SIR, deve ser compreendida como articulada ao projeto global que concebe a formação como um processo contínuo, associado necessariamente às experiências de aprendizagem precedentes, impulsionado (mas jamais dirigido em modo rígido) por fatores externos e contextuais (MEIRIEU, 2002). Se esta perspectiva caracteriza a educação proposta aos alunos da rede em questão, será também aquela prevista para o aprendizado dos docentes que se atualizam e buscam novas diretrizes para sua prática.

A partir de um contexto pedagógico com essas singularidades é que devemos compreender a proposta da Sala de Integração e Recursos. Em sintonia com os pressupostos gerais, conforme destacado, fica evidente que a ação do educador especializado é concebida como pautada pela capacidade de articulação e pela habilidade de valorizar “aquilo que a experiência nos oferece”, explorando os recursos e as potencialidades do aluno, dos grupos, das famílias e do contexto escolar. Além da capacidade de articulação, destacamos a idéia de transitoriedade que deveria permear a ação desse profissional. Transitoriedade no sentido de que os serviços especializados, como toda ação docente, deveria apostar na *passagem* e não na *permanência*. Trata-se de uma aposta na possibilidade de que os

interlocutores – alunos, colegas docentes e familiares – possam prescindir, no futuro, da ação do atendimento.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, José C. *Escola cidadã: desafios, diálogos e travessias*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAPTISTA, Claudio R. Ciclos de formação, educação especial e inclusão: frágeis conexões? In: MOLL, Jaqueline (Org.) *Ciclos na vida, tempos na escola. Criando possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução n.º 2 de 11 de setembro de 2001*. Brasília: MEC, 2001.

BATESON, Gregory. *Una unidad sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Barcelona: Gedisa, 1999.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MEIRIEU, Philippe. *A Pedagogia entre o Dizer e o Fazer: a coragem de começar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANCHES, Isabel Rodrigues. *Necessidades educativas especiais: apoios e complementos educativos no quotidiano do professor*. Porto: Porto Ed., 1996.

SANTOS JÚNIOR, Francisco Dutra. *As políticas de Educação Especial na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: 1989-2000*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2002.

TEZZARI, Mauren Lucia. “A SIR chegou...” *Sala de Integração e Recursos e a Inclusão na Rede Municipal de Ensino em Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2002.

TITTON, Maria Beatriz P. Os cenários políticos e pedagógicos de inovações político-pedagógicas na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. In: MOLL, Jaqueline (Org.) *Ciclos na vida, tempos na escola. Criando possibilidades*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

¹ No âmbito do presente texto, utilizaremos a designação “Sala de Integração e Recursos” (SIR), pois esta é a designação utilizada na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Além disso, acreditamos que a manutenção dessa maneira singular de nomear o espaço pedagógico possa ser tomada como um indicador de que não se trata, apenas, de confirmar o que usualmente se espera da sala de recursos, mas anuncie e reafirme a particularidade que esse espaço assume na referida rede de ensino.

² As escolas especiais do Município são quatro e possuem propostas pedagógicas que buscam aproximação com as diretrizes do ensino comum, como a valorização da dimensão pedagógica e a organização curricular por ciclos de formação. Destacamos, no entanto, que a proposta de ciclos das escolas especiais apresenta notáveis diferenças daquela proposta ao ensino comum, no plano dos objetivos a serem atingidos pelos alunos.

³ Na época as escolas municipais de Porto Alegre funcionavam na estrutura seriada. Entre 1996 e 2000, houve a implantação progressiva da proposta de Ciclos de Formação (TITTON, 2004).

⁴ Os núcleos regionais são parte da estrutura organizativa da rede e congregam escolas de uma mesma região da cidade. São sete os núcleos, de maneira que a cada um deles integram-se os professores de duas ou três SIRs.

⁵ Para mais detalhes sobre o histórico desse serviço de atendimento, indicamos a análise de Tezzari (2002).